

O PAPEL DO ENFERMEIRO FRENTE A VÍTIMA DE TRAUMA CRANIOENCEFÁLICO EM UNIDADES DE TERAPIA INTENSIVA: UMA REVISÃO DE ESCALAS E DESAFIOS ATUAIS

Catharina Luiza Issa Gaspar¹, Rosenalvo Alves Lima²

¹Enfermeira Intensivista pelo Faculdade Israelita em Ciências da Saúde Albert Einstein. E-mail: catharina luiza1@gmail.com; ²Coordenador de Enfermagem pela Universidade de São Paulo. E-mail: limarosenalvo@gmail.com

Introdução: O Traumatismo Cranioencefálico (TCE) representa uma das principais causas de morbidade e mortalidade global, exigindo cuidados intensivos complexos e especializados. Em Unidades de Terapia Intensiva (UTI), o enfermeiro desempenha um papel central e insubstituível na vigilância, monitoramento e manejo desses pacientes, cuja condição neurológica é altamente dinâmica e exige intervenções ágeis. A compreensão aprofundada do perfil de atuação do enfermeiro, das ferramentas utilizadas e dos desafios inerentes a essa prática é crucial para aprimorar a qualidade e segurança do cuidado prestado. **Objetivo:** Descrever o papel do enfermeiro, as escalas de avaliação utilizadas e os desafios enfrentados no cuidado a pacientes vítimas de Traumatismo Cranioencefálico internados em Unidades de Terapia Intensiva. **Material e Método:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada pela Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), via MedLine, LILACS e BDENF por meio dos Descritores em Saúde: “Politraumatismo”, “Unidade de Terapia Intensiva” e “Avaliação de Enfermagem”, ligados pelos operadores booleanos pelo “and”. Para os critérios de inclusão foram utilizados artigos que abordam sobre o tema, disponíveis gratuitamente e completos, publicados nos últimos 5 anos. **Resultados:** A análise dos artigos selecionados revelou o papel multifacetado e essencial do enfermeiro no cuidado ao TCE em UTI. A vigilância neurológica contínua e rigorosa, incluindo o manejo de dispositivos como a Derivação Ventricular Externa (DVE) e a monitorização da Pressão Intracraniana (PIC), foi amplamente destacada como competência fundamental. As escalas de avaliação, com proeminência para a Escala de Coma de Glasgow (ECG), emergiram como ferramentas indispensáveis, embora sua aplicação seja permeada por desafios. As principais dificuldades incluem a falta de capacitação contínua, a insegurança na interpretação dos resultados e a sobrecarga de trabalho, que impactam a acurácia da avaliação e a tomada de decisão. A complexidade do ambiente de UTI e a gravidade dos pacientes com TCE também foram identificadas como barreiras significativas à prática plena do enfermeiro. **Conclusão:** A atuação do enfermeiro no manejo do paciente com TCE em UTI é crítica para o desfecho clínico, demandando um perfil profissional com competências técnicas e relacionais avançadas. Apesar do reconhecimento da sua importância e do uso generalizado de escalas de avaliação, persistem desafios significativos que exigem atenção. É fundamental investir em programas de educação continuada e no suporte institucional para superar essas barreiras, garantindo que o enfermeiro possa exercer sua função de forma qualificada, contribuindo diretamente para a segurança do paciente e a melhoria da assistência neurointensiva. **Contribuições para Saúde:** Reforçar o papel do enfermeiro na qualidade da assistência prestada ao paciente vítima de TCE e a importância da vigilância neurológica rigorosa e do uso preciso de escalas.

Descritores: Traumatismo Cranioencefálico, Enfermagem, Terapia Intensiva, Escalas.